



# A DOENÇA E A CURA DO SER HUMANO - PERSPECTIVAS BÍBLICAS E DILEMAS ATUAIS

Werner Wiese

## I. BREVE INTRODUÇÃO À TEMÁTICA E PROBLEMÁTICA COM DOENÇA E CURA

Doença e a busca da superação dela perpassam a história da humanidade desde as mais remotas origens detectáveis até a atualidade. Enquanto que a *doença empírica* é sentida como sinal evidente da fragilidade humana e figurante da finitude do próprio ser humano, a busca por cura, em princípio, é uma reação natural e sadia do instinto de vida e sobrevivência<sup>1</sup> facultada a ele como ser consciente de si mesmo, dos seus semelhantes e do mundo circundante em geral.<sup>2</sup> Mais que isso: é tarefa dada ao ser humano da mesma forma como é tarefa sua de “cultivar e guardar” a criação de Deus (Gn 2.15) para preservar, da melhor maneira possível, condições de vida e sobrevivência. Aliás, muitas enfermidades são, direta ou indiretamente, decorrentes do meio ambiente, não por último das condições e dos hábitos de vida promotores de sofrimentos<sup>3</sup> que, por sua vez, podem causar doenças.

Diga-se ainda que uma *doença deflagrada*, na maioria das vezes, é muito mais que sinal de fragilidade e finitude do ser humano. Ela coloca a existência humana que, como tal, já é complexa<sup>4</sup>, ainda, em outro sentido, em xeque. Surgem perguntas em torno da razão e do destino último do viver humano. Simplificando, para que e/ou quem existo? E o *homo religioso* (o ser humano religioso) - como se diz popular e sociologicamente - não é imune a essas interrogações existenciais. Ao contrário, dependendo do

1 Inclui-se aqui a defesa natural do corpo, especialmente as “células de defesa” - os *leucócitos* e defesas específicas do corpo decorrentes da ação dos leucócitos, muito antes e independentemente de o ser humano tomar consciência de si mesmo e poder agir em defesa própria contra a doença. Obviamente, “células de defesa” não se restringem ao corpo do ser humano.

2 Pensa-se em ameaças externas advindas do meio ambiente.

3 Aqui se distingue *sofrimentos* de enfermidades que causam sofrimentos.

4 Basta lembrar da *antropologia*, seja ela *filosófica*, *metafísica*, *cultural* ou *teológica*, etc.

seu *universo religioso*, isto é, da sua concepção e compreensão da relação entre o imanente e transcendente<sup>5</sup>, doenças podem agravar as perguntas em torno do sentido da vida e causar profundas angústias, principalmente quando a cura tarda ou, o que é pior, quando as perspectivas de cura são mínimas ou até nulas, e a doença emite sinais de um possível “fim precoce” da vida. Essa situação pode tornar-se ainda mais angustiante à vista de vários fatores, por exemplo:

a) *A convicção da onipotência de Deus*. Se Deus é onipotente - e disso teoricamente não se tem dúvidas - por que ele não me cura? Ora, essa pergunta não cessa com facilidade. E, não raras vezes, parte-se para explicações que, na verdade, não são explicações, pois se trata de pergunta inexplicável.

b) *As curas e promessas de cura na Bíblia*, especialmente no Novo Testamento (NT). As “provas materiais” de curas no NT são fartas. Elas corroboram a convicção do poder de Deus para curar. As curas teriam cessado, antes de eu ser curado?

c) *Curas experimentadas hoje*, por terceiros. Referimo-nos a curas de fato e não a curas simuladas ou suggestionadas: enquanto uma pessoa é curada a outra não.<sup>6</sup>

Dependendo do caso, a experiência de doenças prolongadas pode provocar uma avalanche de indagações pessoais como: “Por que eu não sou curado? É por falta de fé? Cometi algum pecado pelo qual Deus me ‘castiga’? Minha ‘salvação’ estaria em xeque?” Ou: “Deus não me quer curar? Por que não? A doença teria algum objetivo específico?” Do viés da fé: por quanto tempo se deve orar por cura ou que postura assumir diante da doença?

Em todos os casos, *doença e necessidade de cura do ser humano* não são nem podem ser assunto periférico, também não na Bíblia.<sup>7</sup> Posturas

5 Cf. E. STILGMAYR. Art. *Krankheit*, in: RGG IV (3ª ed.). K. Galling (editor). Tübingen: J.C.B. Mohr, 1960, col. 36-38.

6 Estas ponderações são sustentadas por “experiências muito concretas”, ou seja: duas pessoas acometidas por câncer em estágio avançado solicitaram irmãos e irmãs na fé para que as ungissem com óleo e orassem por sua cura, de acordo com Tg 5.14-15: “Está alguém entre vós doente? Chame os presbíteros da igreja, e estes façam oração sobre ele, ungiendo-o com óleo, em nome do Senhor. E a oração da fé salvará o enfermo, e o Senhor o levantará; e, se houver cometido pecados, ser-lhe-ão perdoados”. Tratou-se de chamar, praticamente as mesmas pessoas de fé. Os “procedimentos” foram os mesmos. Uma das duas pessoas enfermas foi curada e a outra não; inexplicavelmente.

7 Aqui se pode remeter tanto à literatura existente no mercado que diz respeito ao assunto como às práticas de cura na atualidade, muitas delas, inclusive, exibidas nos meios de comunicação - televisiva, escrita, etc. Cf. também Friedrich Erich DOBBERAHN. *Cura e salvação na Bíblia*, in: VOX SCRIPTURAE. Revista Teológica Brasileira. Vol. III/2. São

extremas em relação a esse assunto normalmente não fazem jus à demanda legítima do mesmo.<sup>8</sup>

Para concluir o *item I*, do exposto decorrem alguns aspectos que merecem destaque.

**Um deles** é que se deve reconhecer e apoiar os *avanços médico-científicos* em “defesa da vida” à vista de doenças ameaçadoras do ser humano, especialmente epidemias que, no passado, extinguíam famílias, povoados e, inclusive, etnias inteiras.<sup>9</sup> Obviamente, “defesa da vida” não pode significar “descartar vida indefesa”, independente de estágio e estado da vida.<sup>10</sup> Nesses termos, ninguém pode abrir mão de recursos médicos legítimos, acessíveis em favor da vida, sem tornar-se negligente e culpado diante do próximo e de Deus - o doador e mantenedor da vida.

O **outro aspecto** é que a busca por cura ou superação da doença tem limites. Mencionemos alguns: **1.** Toda cura é provisória; nenhuma delas pode prolongar a vida infinitamente. Querer eternizar o ser humano seria um ato desumano. **2.** Nem todos os recursos para superar doenças são legítimos. Aqui há de se considerar aspectos éticos e teológicos. A rigor, a maioria dos aspectos éticos também tem componentes teológicos, porque afrontam ao Deus Criador, por exemplo: - o que fere a dignidade humana enquanto pessoa; - a comercialização de órgãos humanos; - o que inviabiliza vida alheia, especialmente de terceiros “utilizados” no processo de cura, etc. **3.** Do ponto de vista estritamente bíblico-teológico, tanto “sessões ocultas” no processo de cura são vetados ao ente crente no Deus vivo revelado nas Sagradas Escrituras como o “domínio médico” sobre o ser humano é uma afronta ao Deus vivo a quem pertence a vida e quem tem a reivindicação última sobre ela.<sup>11</sup>

De qualquer maneira, de sã consciência não se pode passar de largo da questão da doença e cura do ser humano, haja vista a realidade das enfermidades em nossos dias, que assolam muitíssimas pessoas em torno

---

Paulo: Vida Nova, setembro de 1993, p. 151-165; Klaus HAACKER. *Enfermidade - oração - cura*, in: VOX SCRIPTURAE. Revista Teológica Brasileira. Vol. XIV/1. São Bento do Sul: União Cristã, junho de 2006. p. 18-42.

8 Não é à toa ou por acaso que a atenção a pessoas enfermas e enlutadas tem sido a “porta de entrada” em muitas famílias. Porta esta, muitas vezes melhor aproveitada por ideologias seculares do que pela própria teologia cristã que, pela sua própria natureza, deveria saber ouvir e responder melhor a estas demandas do que qualquer outra visão de vida.

9 Apesar dos avanços da medicina, infelizmente a humanidade ainda hoje não está livre de (novas) epidemias.

10 Um lembrete para reflexão especial: nenhum ser humano - do mais frágil ao mais robusto - pôde dispensar seu *início embrionário* e seu *ser nascituro*.

11 Cf. também Wolfgang J. BITTNER. *Heilung - Zeichen der Herrschaft Gottes*. Neukirchen-Vluyn: Aussat-Verlag, 1999 (3ª ed.), p. 89-91 e outras páginas.

de nós e nas “nossas fileiras”. Surge a pergunta: o que dizer de doença numa perspectiva bíblica hoje?

## II. ASPECTOS DE DOENÇA E CURA NA BÍBLIA

### 1. Considerações gerais

De fato, na Bíblia, a doença e a cura não são relegadas a um segundo ou terceiro plano. Em muitíssimos casos, inclusive, existe uma ligação maior e mais estreita entre cura e salvação do ser humano do que se tem visto e abordado em casas de formação teológica (faculdades de teologia e seminários teológicos) e em várias denominações cristãs, especialmente nas assim chamadas *igrejas históricas*.<sup>12</sup>

Em contrapartida, outras denominações cristãs dão ênfase exagerada na cura. Esse é o caso, principalmente, em várias igrejas conhecidas como *neopentecostais* ou *carismáticas* ou *movimentos carismáticos* que, inclusive, estão no interior de muitas igrejas ou denominações cristãs hoje. (Aqui não se tece veredictos sumários sobre denominações cristãs).

Posturas extremas de ambos os lados não ajudam. Pelo contrário, desfiguram as dimensões bíblicas de cura e carisma como parte integrante do ministério cristão. Aqui existe uma dívida da teologia e fé cristãs, isto é, há um déficit a ser corrigido e recuperado.

Felizmente existem várias abordagens (artigos e livros) sérias que se ocupam com esse assunto. Entre outros, convém lembrar os nomes de Friedrich E. Dobberahn e Klaus Haacker, ambos citados na *nota 7*, acima. O livro de Lohrmann intitulado *Fruto e Dons do Espírito Santo*<sup>13</sup> também incentiva a trabalhar nesta direção, principalmente a partir da realidade e atualidade dos *dons do Espírito Santo*.

Destaque, contudo, merece o livro de Wolfgang J. BITTNER. *Heilung - Zeichen der Herrschaft Gottes (Cura - sinal do senhorio de Deus)*. Neukirchen-Vluyn, 1999 (3ª Ed.). Ao longo do presente artigo nos reportamos várias vezes a Bittner e nos inspiramos nele. Por esse motivo, parece-nos propício sintetizar aqui as linhas mestras da obra do autor. Ela é composta de *quatro partes*. **Parte I: Doença e cura na Bíblia.** **Parte II: Doença e cura na história.** **Parte III: Questões fundamentais da cura**

12 Cf. W. SCHRAGE. *Heil und Heilung im Neuen Testament*, in: “Auf Hoffnung hin sind wir erlöst” (Röm 8,24). Biblische und systematische Beiträge zum Erlösungsverständnis heute. Ingo Broer / Jürgen Werbick (Hrsg.). Stuttgart: Verlag Katholisches Bibelwerk, 1987, p. 95-117. Aliás, o artigo de Schrage tem inspirado outros autores, dentre eles o próprio Dobberahn ao qual nos reportamos várias vezes na presente abordagem.

13 Walter LOHRMANN. *Fruto e Dons do Espírito Santo*. São Bento do Sul: Editora União Cristã, 2008.

de doentes e **Parte IV: Questões que dizem respeito à cura de doentes.** Cada uma dessas partes principais o autor aborda de forma interessante e desafiadora para a atualidade. Um dos méritos de Bittner é que ele não parte de casos específicos de cura na atualidade, como é comum em outras obras que falam de doença e cura em nossos dias. O autor também não destaca um personagem que se notabilizou por curas realizadas, o que é comum ocorrer em testemunhos extraídos do contexto de atividades evangelístico-avivalistas. Em vez disso, Bittner procura detectar que ênfase e valor doença e cura têm na Bíblia. Ele primeiro exerce a escuta de textos que dizem respeito à doença no Antigo Testamento (AT). Em seguida, com a mesma atenção e dedicação, destaca como Jesus lidava com doença e cura e, por último, conclui a **Primeira parte** abordando a cura praticada pelos discípulos e pela comunidade cristã primitiva.

Aqui está, sem dúvida, uma contribuição importante do livro de Bittner, que merece atenção hoje, tanto do ponto de vista da pesquisa teológica quanto do cuidado pastoral (poimênica) concreto no contexto da dinâmica de enfermidade, cura e esperança cristã.

## 2. Menções de algumas doenças (e curas) na Bíblia

Para se referir ou, o que é mais raro, descrever “doença(s)” e cura existe um leque terminológico muito amplo na Bíblia. Para isso pode-se usar tanto *expressões genéricas* quanto *expressões* ou *termos técnicos específicos*. Mas, em muitos casos, a variedade terminológica dificulta a identificação clara da doença ou do sofrimento a que um texto bíblico ou termo se refere.<sup>14</sup>

No seu artigo *Cura e salvação na Bíblia*, Dobberahn, por exemplo, alenca uma série de enfermidades nos termos que seguem:<sup>15</sup>

Eis algumas das doenças mencionadas na Bíblia:

\* **Doenças de pele** (eczemas, herpes, micoses *etc.*): Lv 13; Dt 28:27; Mt 8.1ss; Lc 5.12ss; 17:ss

\* **Hemorragia**: Lv 15:25ss; Mt 9:20ss; Mc 5:25ss; Lc 8:43ss

\* **Hidropisia**: Lc 14:1ss

\* **Doenças venéreas**: Lv 15:2ss; Nm 5:2; 2 Sm 3:29; *cf.* Nm 25:9; Dt 28:27 [?]; 1 Sm 5:6, 9, 12; 6.4s

\* **Peste**: Dt 28:21; Jr 14:12; 24:10; Ez 5:12; 14:19; *etc.*

14 Cf. D. H. TRAPNELL / W. BITTNER-SCHWOB. Art. *Krankheit*, in: Das Grosse Bibellexikon 2. H. Burkhardt, F. Grünzweig, F. Laubach e G. Maier (editores). Wuppertal, Giessen: Brockhaus & Brunnen Verlag, 1988, p. 831-833

15 Para manter o texto assumido de Dobberahn inalterado, dividimos capítulo e versículo dos textos bíblicos por *dois pontos* (:).

- \* **Febre:** Lv 26:16; Mt 8:14s; Mc 1.30s; Lc 4.38s; e vários outros tipos: Dt 28:22; 32:24; Is 10:16; Hc 3:5
- \* **Cegueira:** Lv 19:14; Dt 27:18 [Tob. 2:10]; cf. Jr 39:7; Mt 20:29ss; Mc 20:46ss<sup>16</sup>; Lc 18:35ss; Jo 9:1ss; *etc.*
- \* **Deficiências físicas em geral:** Lv 21:18ss
- \* **Disenteria:** 2 Cr 21:15, 18s
- \* **Insolação:** 2 Rs 4:18ss; Sl 121:6; Is 49:10; Jn 4:8; [Jud. 8:3]
- \* **Gota:** 2 Cr 16:12
- \* **Apoplexia:** 1 Sm 25:37; 2 Sm 6:7; [1 Mac. 9:55s]
- \* **Epilepsia:** Mt 4:24; 17:15; Mc 9:17; Lc 9:38ss
- \* **Paralisia:** 2 Sm 4:4; Pv 26:19; Mt 9:1ss; Mc 2:1ss; Lc 5:17ss; *etc.*
- \* **Alienação mental:** 1 Sm 21:12; 2 Rs 9:11; Jr 29:26; Os 9:7; Mt 8:28ss; Mc 5:1ss; Lc 8:26ss; *etc.*
- Melancolia:** 1 Sm 16:14ss; 18:10; 19:9s; outro tipo: Dn 3:31ss<sup>17</sup>

Como o próprio Dobberahn já observou, essas são só algumas das enfermidades nominadas na Bíblia. De fato, aqui não se trata de apresentar uma lista o mais ampla possível de enfermidades e sofrimentos mencionados nas Sagradas Escrituras nem de entrar no mérito da interpretação de cada uma das que foram arroladas. Por esse motivo, também não faria sentido transcrever ou mesmo transliterar os respectivos termos e expressões dos textos bíblicos nas línguas originais da Bíblia.

Por outro lado, seria um equívoco se quiséssemos simplesmente analisar e interpretar a terminologia bíblica das enfermidades à luz da medicina de hoje. Embora na Bíblia se empreguem também *termos técnicos específicos* para falar de doença e cura<sup>18</sup>, seu interesse primário não é médico-científico. Daí porque querer “cruzar” pura e simplesmente a terminologia e “informação” ou “descrição” bíblica de doença(s) com o “rigor médico” da atualidade para checar sua veracidade ou não, depara com problemas por várias razões como:

a) *O conhecimento da medicina daquela época.* “Descrições” da

<sup>16</sup> Leia-se não Mc 20:46ss, Mc 10:46ss.

<sup>17</sup> Friedrich E. DOBBERAHN. *Cura e salvação na Bíblia*, in: VOX SCRIPTURAE. Revista Teológica Brasileira. v. III/2. São Paulo: Vida Nova, setembro de 1993, p. 154s.

<sup>18</sup> Termos técnicos específicos na língua grega, por exemplo, são: νόσος (*doença/enfermidade*), ῥίπτω (*lançar ao chão com violência* [é um termo técnico da medicina para descrever *cãibra* ou *convulsões epilépticas*]), θεραπεύω (*curar/restaurar/servir*), ἰάομαι (*curar/sarar*). Cf. F. W. GINGRICH / F. W. DANKER. *Léxico do Novo Testamento Grego / Português*. São Paulo: Ed. Vida Nova, 1986 (reimpressão). Cf. também D. H. TRAPNELL / W. BITTNER-SCHWOB, op. cit., p. 830-833.

doença no período bíblico “eram simples e na maioria das vezes restritas aos aspectos visíveis” dela “(p. ex.: abscessos/tumores, inchaços, hemorragias) e notáveis...” como (febre)... (disenteria, paralisia)”<sup>19</sup>.

b) *Quadros patológicos mutáveis*, especialmente os de “origem microbiológica”. Tomemos apenas o termo *peste* como paradigma. Ele pode referir-se a uma série de epidemias. Na língua hebraica, existe um leque de termos amplo e, por conseguinte, com significados múltiplos, às vezes ligados a outros males ou sofrimentos, por exemplo: *deber* (Jr 14.12; Ez 5.12; 6.11; 14.19; 2Sm 24.15; Dt 28.21; etc.); *maggepa* (Êx 9.14; Zc 14.12; etc.); *makka* (Lv 26.21; Jr 19.8; etc.); *nega* (1Rs 8.38; Sl 91.10. Em Lv 13-14 ocorre em ligação com *doenças de pele* - que parecem não ser lepra<sup>20</sup>); *negep* (Êx 12.13; Js 22.17). Algo análogo encontra-se na língua grega, por exemplo: *μαστιξ* (Mc 3.10; 5.29, 34; Lc 7.21. Defrontamo-nos aqui com uma caracterização genérica de doenças); *λοιμός* (Lc 21.11; M 24.7); *πληγή* (Ap 9.18, 20; 16.11; 18.4; etc), etc.)<sup>21</sup>.

Se levarmos em conta que esse leque de termos e significados não é idêntico com a *Yersinia pestis*<sup>22</sup> (bacilo de Yersin)<sup>23</sup>, fica evidente a dificuldade que um “simples cruzamento de dados” entre a menção ou descrição de doenças na Bíblia e o conhecimento médico-científico da atualidade para chegar a um “diagnóstico” da veracidade e precisão médicas ou não dessas doenças representa.

c) *O objetivo teológico*. Ao mencionar doença e cura, o objetivo e interesse na Bíblia não é médico, mas teológico. Disso não se pode deduzir, em absoluto, que as testemunhas bíblicas não tivessem interesse na veracidade dos seus registros relativos a doenças e curas. Salvo exceções<sup>24</sup>, tratou-se de pessoas sem conhecimento técnico específico. Eram pessoas simples, sim. Mas elas relataram o que perceberam e sentiram. E como tais devem ser ouvidas e tomadas a sério. Uma suspeita apriorística em relação a menções de doença e cura na Bíblia não aproxima ninguém da realidade que elas retratam e transmitem, tanto do ponto de vista histórico como teológico.

19 Id., p. 830.

20 Cf. aqui F. E. DOBBERAHN, op. cit., p. 154, nota 12.

21 Cf. D. H. TRAPNELL / W. BITTNER-SCHWOB, op. cit., p. 832.

22 Cf. id., p. 830.

23 Cf. também *Novo Dicionário Aurélio*. (2ªed). Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (editor), p. 1321 (sem local e data de publicação).

24 Uma das exceções é Lucas. Certamente não é acaso que somente o Evangelista Lucas use a expressão “Médico, cura-te a ti mesmo” (Lc 4.23b na versão de Almeida). A locução no texto grego do NT é: *ιαστρέ, θεράπειςον σεαυτόν*.

### 3. Dimensões teológicas de doença (e cura) na Bíblia, especialmente no AT

Estas têm a ver com a antropologia bíblica. Na Bíblia não se reflete sobre o ser humano de forma abstrata ou virtual, ou seja: filosoficamente. Vê-se o ser humano como um todo (na sua totalidade<sup>25</sup>) e fala-se dele de maneira concreta a partir da história de Deus com a humanidade. Nessa história também *saúde, doença e cura* estão inseridas e são vistas.

#### 3.1 A doença como algo abrangente e inclusivo

Como a Bíblia não vê o ser humano de forma parcial ou fragmentada ou ainda como um conjunto de fragmentos, mais ou menos valiosos e importantes, a “doença” do ser humano também não é algo só de parte dele, ao lado e separado, da qual há outras partes sãs (estômago, fígado, coração, etc.), de modo que se possa falar de uma pessoa que está enferma pela metade e sã pela outra. Assim, “fraqueza corporal”, “ausência da força plena da vida”, “cansaço e esgotamento”, “fraqueza psíquica”, “doenças orgânicas”, “ferimentos”<sup>26</sup>, etc., são tidos como doenças/enfermidades que abrangem ou atingem o ser humano como um todo e carecem de cura, portanto, de tratamento para a recuperação da saúde ou o restabelecimento do ser humano. O contraponto de doença nesses termos é *shalom*<sup>27</sup> - o estado da plenitude da vida na presença de Deus em todos os sentidos. Daí entende-se que doença, na maioria das vezes, representa um fator profundamente inquietante para a(s) pessoa(s) diretamente atingida(s) e é objeto de interpretações teológicas pessoais e alheias. A pergunta pela “causa da doença” - a ausência de *shalom* - geralmente acompanha a enfermidade. Dito ainda diferente: a enfermidade vem prenhe dessa indagação. Como exemplo clássico, pode-se mencionar o livro de Jó.

#### 3.2 A relação entre culpa/pecado e doença

A partir dessa visão e compreensão abrangente e inclusiva do ser humano na história de Deus, é praticamente inevitável que surja a pergunta pela relação entre *culpa e doença*. E, de fato, no AT vê-se uma relação entre “pecado/culpa e doença” nos termos mencionados no *item 3.1* (cf. Sl 32.1ss; 38.1ss; 39.10-13; 41.3-5; 103.3).<sup>28</sup> Doença de forma alguma

25 O todo do ser humano está ou se reflete na parte ou no detalhe e vice-versa. Pode-se lembrar aqui da palavra *holística*, derivado do grego ὅλος (*tot*, *inteiro*, *completo*).

26 W. J. BITTNER. *Heilung - Zeichen der Herrschaft Gottes*, p. 17. Cf. também W. BITTNER-SCHWOB. *Art. Krankhelung*, in: *Das Grosse Bibellexikon 2*, op. cit., p. 828.

27 Cf. id. *ibid.*

28 Cf. W. J. BITTNER, op. cit., p. 17s.

pertence às condições naturais da criação, mas é conseqüência de culpa e atesta uma ruptura na ordem da criação.

Teologicamente falando, aqui se enquadra também Gn 2.15ss; 3.1ss. Desse viés, a morte jamais pode ser vista como algo pertencente ao objetivo original de Deus com a humanidade ou ser reduzida a um processo meramente biológico natural. Assim sendo, a doença é um sinal precursor da morte.<sup>29</sup> Esta última lacra a ruptura entre o Criador e as criaturas. É verdade, no AT alcançar longevidade e depois poder descansar no “túmulo da família” ou clã tem algo de “ditoso”, mas não ameniza a dor da ruptura, muito menos é celebrado como o objetivo da vida humana. Remete-se, aqui, ao **Salmo 90**, que não só tira o “romantismo da naturalidade da morte” ou “morte natural”, mas aponta para a dimensão última da natureza passageira do ser humano - *a ira de Deus por causa das iniquidades e do pecado humano*.

Obviamente, a partir dessas constatações e colocações da relação entre culpa e doença, principalmente quando se trata do sofrimento alheio, a interpretação do *fenômeno doença* comporta elementos de risco muito sérios. Exemplo clássico disso é a *interpretação teológica da doença de Jó* feita por seus três amigos. A *senha hermenêutica* deles é o *princípio do Tun-Ergehen-Zusammenhang* - a relação entre atitude e estado das coisas ou simplesmente a aplicação casuística pontual do *princípio de causa e efeito*. E aqui reside o erro. Uma leitura atenciosa do livro de Jó inteiro, especialmente o final do livro, detecta duas coisas: *uma* é o equívoco dessa interpretação e seu efeito negativo. *A outra coisa* é que o próprio Deus se contrapõe a essa interpretação.<sup>30</sup> Ele se contrapõe não porque não pudesse existir uma relação entre culpa e doença, mas porque essa relação não está na superfície das coisas nem pode ser individualizada ou particularizada.

Aqui se toca numa dimensão que em última instância só o próprio Deus pode trazer à tona ou decifrar, interpretá-la corretamente, curar a pessoa (ou a coletividade) e restaurar as circunstâncias que a molestaram.

No NT, compartilha-se semelhante visão e compreensão da relação entre culpa/pecado e doença/sofrimento, pois são sinal de ruptura da boa ordem da criação e entre o Criador e as criaturas, inclusive as criaturas não-humanas (Rm 8.19ss). Essa ruptura necessita da intervenção misericordiosa de Deus.<sup>31</sup> O próprio Jesus não nega poder existir uma ligação estreita entre pecado-ato e conseqüências concretas subseqüentes, sejam elas somáticas ou de outra natureza (veja Jo 5.1ss, especialmente o v. 14).

29 Id., p. 18.

30 Cf. também W. J. BITTNER, op. cit., p. 19.

31 Veja logo adiante o *item 4 e subitens*.

Contudo, ele adverte contra interpretações casuísticas de tragédias alheias (veja Lc 13.1ss, especialmente o v. 4) e corrige especulações sumárias sobre a origem ou causa precisa de moléstias (veja Jo 9.1ss). Nesse último caso, a dimensão da relação entre culpa/pecado e doença foi suprimida ou, melhor, foi substituída pela “finalidade” que a doença teve. Portanto, havia em jogo uma dimensão inteiramente oculta ao olho humano.

Para concluir o *item 3.2*, é importante que se frise ainda que na antropologia bíblica, na maioria das vezes, o ser humano não é visto tão-somente como indivíduo isolado, mas acima de tudo como ser inseparável do todo, do clã, ou seja: na sua relação com o povo a que pertence e, diga-se, a história de Deus com esse povo. Nesse contexto, Bittner chama a atenção que textos que nós, às vezes, lemos e interpretamos como se dissessem respeito a um indivíduo, referem-se ao povo como um todo (Êx 15.26).<sup>32</sup>

Ademais, doença/enfermidade pode ter um sentido figurativo na Bíblia, especialmente no AT, por exemplo: flagelos externos, nos ou pelos quais o juízo de Deus pode desabar sobre o povo, são caracterizados como *enfermidades*, *chaga* (Os 5.13; Is 30.26; Jr 6.14; e outros textos).<sup>33</sup> O aspecto da relação entre culpa/pecado e sofrimento externo igualmente está no horizonte da argumentação profética. E, nesse caso, também fica claro que “cura” - mudança do estado das coisas que seria a volta de *shalom* - está atrelado à volta a *Yahweh*, que pode mudar a sorte do seu povo.<sup>34</sup>

### 3.3 A relação entre cura e perdão da culpa ou salvação

Se na Bíblia se vê a doença ou enfermidade no contexto da história de Deus com o ser humano, acima de tudo como sinal de ruptura da ordem primária da criação, então cura ou restauração também é visto nesse contexto. No caso de cura/restauração e salvação, trata-se do processo inverso ao anterior, especialmente como sinal de intervenção de Deus. Nesse sentido, existe uma ligação estreita entre cura, perdão e salvação.

Cura normalmente atesta ou subentende perdão e salvação.<sup>35</sup> A *distinção* e *separação* categórica entre *cura* e *salvação* que se faz com muita frequência e facilidade a partir da língua portuguesa<sup>36</sup>, não é tão comum nem fácil de ser feita na Bíblia e a partir dela. Por exemplo: o

32 Id., p. 20.

33 W. BITTNER-SCHWOB, op. cit., p. 828.

34 Cf. id. *ibid.* No NT, um texto como Lc 19.41-44 corroboram a mesma convicção teológica.

35 O inverso nem sempre é fato, ou seja: também pode haver perdão sem que ocorra cura.

36 Em algumas outras línguas modernas ocorre o mesmo, por exemplo, na língua alemã com os termos *Heilung* e *Heil*.

verbo *salvar* da língua portuguesa, na língua grega é  $\sigma\acute{\omega}\zeta\epsilon\iota\nu$  e pode ser traduzido com *salvar* / *providenciar salvação* ou *curar*. No AT, o termo equivalente mais freqüente de  $\sigma\acute{\omega}\zeta\epsilon\iota\nu$  na LXX<sup>37</sup>, é o hebraico *yascha*. *Yascha* circunscreve a imerecida intervenção de resgate que Deus realiza e tem um leque de significados concretos bem amplo, por exemplo:

a) *Salvamento/libertação de injustiça legal, opressão e cativoiro, auxílio em perseguição e doença*, etc. (cf. Êx 14.13; 15.2; 1Cr 16.35).

b) *Restabelecer e garantir espaço de paz, o retorno dos redimidos a Sião* (cf. Jr 23.6; 30.10-11; Is 35.4ss).

c) *Perdão da culpa, iniquidade* (cf. Is 33.22, 24; Ez 36.29).

d) *Redenção escatológica universal* (cf. Is 25.8-9; 49.6; 52.7; etc.).<sup>38</sup> Nesse último contexto, vislumbra-se, já, a esperança messiânica que no NT é assumida por Jesus e se manifesta, não por último, nas curas que ele realiza.<sup>39</sup>

Concluindo o *item 3.3*, pode-se dizer o seguinte: **por um lado**, a *relação* entre *cura*, *perdão da culpa* e *salvação* se dá de *forma quase que natural*. “Provas clássicas” dessa relação são textos como o Sl 103.3 e Êx 15.26, nos seus respectivos contextos. Isso é reflexo da antropologia bíblica, que não fomenta o dualismo doentio entre corpo e alma como duas grandezas que se excluem mutuamente. Ambos estão envolvidos na história de Deus com o ser humano. **Por outro lado**, bem-estar não é sinônimo de um relacionamento sadio com Deus. E inversamente, *mal-estar - privações exteriores visíveis* - não depõem necessariamente contra a integridade na presença de Deus. Nesse quesito, o Sl 73 deve ser ouvido e constitui-se em ponto de equilíbrio em meio a muitas adversidades que o ser humano temente a Deus pode experimentar.

#### 4. Alguns enfoques de curas no NT

Proporcionalmente, o NT fala muito mais de doença e de cura do que o AT. Sujeito central de curas é Jesus de Nazaré. Além dele, também os apóstolos realizaram curas, tanto antes quanto depois da morte e ressurreição de Jesus. O apóstolo Paulo, inclusive, fala de *dons de curar* (cf. 1Co 12.28 e 30). Portanto, curas faziam parte da vivência das comunidades cristãs primitivas. Isso será desenvolvido de maneira muito breve a seguir.

##### 4.1 Curas no ministério de Jesus

Lendo os relatos dos Evangelhos (Mateus até João), Jesus realizava

37 LXX é a tradução grega do AT.

38 Cf. Wolfgang SCHRAGE. *Heil und Heilung im Neuen Testament*, op. cit., p. 97s.

39 Um texto clássico é Lc 4.16-22; cf. também At 2.22.

curas com uma “naturalidade” impressionante. Desde o começo, parece que as curas de doentes faziam parte do ministério de Jesus (cf. Mt 4.23ss). É certo, o texto de Mt é uma espécie de sumário de um período mais longo de atividades de Jesus, mas nada fala contra o fato ou probabilidade de as curas pertencerem aos primórdios do seu ministério.

O que chama a atenção é que não há nenhum registro de uma única convocação para sessões de curas. Ele as realizava nas mais diversas circunstâncias, por exemplo: *por um lado*, doentes eram trazidos a Jesus, e ele os curava (cf. Mt 4.23-24; Mt 8.5ss; 8.16ss; Mc 2.1ss; etc.). *Por outro lado*, os próprios doentes “tomavam a iniciativa” e se dirigiam a Jesus, pedindo por cura (cf. Mt 8.2-4; 9.27-31; etc.). *Em outras ocasiões*, Jesus parecia tomar a frente (cf. Mt 8.14-15<sup>40</sup>; Jo 5.1ss, esp. v. 6; 9.1ss, esp. v. 6; etc.). Inclusive *curas à distância* são mencionadas no NT (Mt 8.5-13). Também é notório que o NT não registra um único fato de Jesus ter-se recusado a curar qualquer ou um só doente.<sup>41</sup>

Daí surge a pergunta: Qual era a finalidade das curas? Como interpretá-las? Desde os primórdios até hoje não existe uma interpretação inequívoca delas. Contudo, está claro que *curas e proclamação da Palavra formavam uma unidade*: Jesus pregava e curava, curava e pregava. Tanto a *proclamação verbal da Palavra*<sup>42</sup> quanto as *curas* que Jesus realizava apontavam para o *Reino de Deus*. Melhor, eram *sinais da irrupção do Reino de Deus* em meio aos sinais na contramão deste Reino.

Lc 4.16ss é uma base escriturística central para ilustrar o ministério de Jesus. Nos vv. 18-19 lê-se: “*O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar libertação aos cativos e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos, e apregoar o ano aceitável do Senhor*” (versão portuguesa de ALMEIDA. *Revista e atualizada no Brasil*). Trata-se de citação do AT - uma combinação livre e parcial de Is 61.1-2; 58.6 (e Lv 25.10). Jesus leu essas palavras no início do seu ministério, na Sinagoga em

40 A tradição sinótica (cf. Mc 1.29-31; Lc 4.38-39) deixa entrever que houve uma espécie de “intermediação” na cura da sogra de Pedro.

41 A tradição sinótica registra um único caso em que Jesus mostrou-se reticente ao socorro solicitado, mas acabou atendendo ao pedido por ajuda (Mt 15.21ss; Mc 7.24ss). Essa reticência inicial se deve ao ministério específico de Jesus, que era *salvar a casa de Israel* ou *os filhos da casa de Israel*. Nesta mesma direção também aponta Mt 10.5-6. Isso, contudo, era uma característica *pré-pascal* do ministério de Jesus e dos discípulos. Cf. também W. J. BITTNER. *Heilung - Zeichen der Herrschaft Gottes*, p. 45.

42 Exemplos clássicos são o *sermão da montanha* (o ensino - a διδασχί de Jesus [Mt 5-7] e as *parábolas*, especialmente as *parábolas do reino* (cf. especialmente Mt 13 e textos paralelos).

Nazaré. Após a leitura, era esperada a interpretação ou uma aplicação da matéria lida. Em vez de uma “longa fala”, Jesus anunciou o cumprimento das escrituras que todos acabaram de ouvir. É verdade, Jesus não foi aceito na Sinagoga em Nazaré, pelo contrário, foi rejeitado. Porém, em seguida é narrada uma seqüência de curas que ele realizou, inclusive um *exorcismo* ou *expulsão de* “espírito de demônio impuro” (*πνεῦμα δαιμονίου ἀκαθάρτου*).<sup>43</sup>

Numa abordagem breve como a nossa, não é possível entrar no mérito dos detalhes que envolvem a linguagem, compreensão e realidade de “doenças, possessão demoníaca, curas e exorcismos” e sua relação mútua no NT. Contudo, a libertação de quaisquer poderes ocultos que desfiguram o ser humano como criatura de Deus é parte intrínseca dos sinais da irrupção parcial do Reino de Deus como o são a proclamação verbal e as curas de males físicos. Vejamos: “*Se, porém, eu expulso os demônios pelo dedo de Deus, certamente, é chegado o reino de Deus sobre vós*” (cf. Lc 11.20). Aliás, no ministério de Jesus, a libertação de poderes ocultos ocorre, a rigor, por meio da palavra - o elemento essencial da proclamação do Reino de Deus.<sup>44</sup> A libertação é “instantânea”; não ocorre em sessões exorcistas.<sup>45</sup> Da mesma forma, as curas, de um modo geral, também são “instantâneas”. Há um único registro em que uma cura pareceu ter ocorrido “gradativamente” em (cf. Mc 8.22-26).

Concluindo o *item 4.1*, destacamos:

a) *As curas no ministério de Jesus devem ser vistas a partir do pano de fundo do AT*, especialmente da esperança de Israel pelo tempo messiânico. Israel aguardava um *novo agir de Deus* que trouxesse à luz do dia o *domínio régio de Deus*: “*O Senhor será Rei sobre toda a terra; naquele dia, um só será o Senhor, e um só será o seu nome*” (Zc 14.9). Promessas e expectativas em torno do *shalom* em sentido amplo como: *paz, livramento, curas, restauração das vistas*, etc. perpassam escritos proféticos como Is 35.4ss; 52.7; 61.1s (cf. Mt 11.2ss; Lc 7.21-23<sup>46</sup>; cf. mais uma vez Lc 4.16ss).

b) *Nas curas realizadas por Jesus, as Escrituras se cumpriram*. As curas eram sinais de que Deus é Senhor e que seu Reino irrompeu. Por exemplo, em Mc 1.15ss (e textos paralelos), temos os seguintes registros:

43 Variante de leitura: *δαιμόνιον ἀκαθάρτον* (“demônio impuro”).

44 No fundo, é palavra de *ἐξουσία*- *autoridade*, característica do ensino de Jesus (cf. Lc 4.32; Mt 7.29; etc.). Aliás, é com a mesma *ἐξουσία* que Jesus perdoa pecados (cf. Mt 9.6; Mc 2.10).

45 Um caso “atípico” é a cura ou libertação de um homem possesso que ocorreu na “terra dos gesarenos” (f. Mc 5.1ss e textos paralelos).

46 Cf. W. J. BITTNER. *Heilung - Zeichen der Herrschaft Gottes*, pp. 23-25.

anúncio da proximidade do Reino de Deus, (com) vocação dos discípulos, curas, etc. Portanto, a proximidade do Reino de Deus é atestada por *sinais audíveis* (proclamação) e *sinais visíveis* (curas de doentes e milagres de outra natureza [cf. também At 2.22]). Nesses termos, a proclamação da Palavra de Deus e as curas em sentido amplo no ministério de Jesus apontam para uma única e mesma realidade: *o Reino de Deus veio na pessoa de Jesus de Nazaré*. Porém, trata-se de “sinais prolépticos” (antecipatórios) e não da realidade última do Reino de Deus. Toda necessidade de cura e libertação de uma pessoa é também um sinal de que Deus ainda não reina de forma visível e irrestrita.

c) *A relação entre pecado e cura na visão de Jesus*. A princípio, Jesus não negava poder haver uma *ligação* entre culpa e sofrimento ou doença, perdão e cura, mas deu-lhe novo enfoque.<sup>47</sup> Vejamos como exemplo *Mc 2.1-12*. Quatro homens carregaram um paralítico até a casa em que Jesus se encontrava e ensinava com o objetivo de que ele o curasse. Os desdobramentos foram imprevisíveis. Para a surpresa ou decepção de uns (= os que levaram o paralítico a Jesus e o próprio enfermo) e a indignação de outros (= escribas), em vez de curá-lo, Jesus disse: “*Filho, os teus pecados estão perdoados*” (v. 5). Por fim, num ato segundo e para a admiração de muitos, Jesus curou o paralítico como *atestado da sua autoridade para perdoar pecados* (vv. 10-12). O episódio todo lembra o **Sl 103.3**: “*Ele (Yahweh) é quem perdoa todas as tuas iniquidades; quem sara todas as tuas enfermidades.*”

Tanto em *Mc 2.1-12* como no **Sl 103.3**, fala-se primeiro do perdão e depois da cura. Dessa constatação, no entanto, não se deve estabelecer um esquema rígido de seqüência: primeiro o perdão e depois a cura, como se a cura fosse periférica. Pelo contrário: a cura é, sem dúvida, um ato segundo que faz parte da agir salvador de Deus por meio de Jesus. Ação esta que vê o ser humano na sua totalidade. Vendo-o como um todo, vê também que a doença é um sinal de ruptura entre o Criador e a criatura.

Ao perdoar e curar e vice-versa (cf. *Jo 5.1ss*, v. 14), Jesus via uma dimensão mais profunda por trás do sofrimento humano, bem como na razão das suas próprias atitudes ou intervenções. Na recuperação do ser humano, via a luta de Deus “contra o maligno” (cf. também *1Jo 3.8*; *Mc 3.27*; *Lc 11.20*). Bittner diz que “por detrás de doença e pecado que destroem a vida manifesta-se a ‘obra do homicida desde o princípio’ (*Jo 8.44*)”.<sup>48</sup> De fato, quem vê nas curas de Jesus apenas gentilezas e atitudes humanitárias ou mesmo técnicas terapêuticas que funcionam quando

47 Cf. também **Jo 5.1ss**, principalmente v. 14; **9.2-3**.

48 W. J. BITTNER, op. cit., p. 28s.

adequadamente usadas, não enxerga a real dimensão do ministério de Jesus e está equivocado.

#### 4.2 Curas realizadas pelos apóstolos e na comunidade cristã primitiva

Como já foi mencionado no início do *item 4*, não só Jesus curava. Os doze apóstolos e outras pessoas nas comunidades cristãs primitivas também curavam. Faziam-no não por invenção própria ou projeção pessoal, mas em obediência à comissão do próprio Jesus. Ele os incumbiu com a tarefa de pregar o evangelho e curar, em sentido amplo. Por exemplo: Mt 10.5ss (e textos paralelos, por exemplo: Lc 9.1s, 10); Mc 16.9ss (cf. também Jo 14.12). Além disso, curas e sinais/prodígios aconteciam por meio dos apóstolos e de outras pessoas. Tanto no livro de Atos como em outros escritos do NT há registros deles. Por exemplo: At 2.43; 3.1ss; 3.16; 4.29-31; 5.12; 6.8; 8.6; 9.32ss; 9.36-42; 14.3, 8ss; 16.16-18; 19.11ss; Rm 15.18-19; 1Co 12.9, 28; 2Co 12.12; etc.<sup>49</sup>. **Destaque**, sem dúvida, **merece Tg 5.12ss, principalmente os vv. 14-16**.

Por conseguinte, essas curas (= *sinais, milagres, prodígios*) tinham a mesma função das curas realizadas por Jesus. Juntamente com a proclamação verbal do evangelho, faziam parte do ministério cristão primitivo. E não há no NT registro incontestado de que viria um tempo em que sinais fossem dispensáveis ou supérfluos no ministério da comunidade cristã.

### III. DILEMAS TEOLÓGICOS COM DOENÇA E CURA HOJE

#### 1. Considerações gerais

Apesar de todos os avanços da ciência na área da saúde em favor do bem-estar humano, a enfermidade continua sendo um problema tão sério hoje como o era nos tempos bíblicos; talvez mais sério ainda. A doença não respeita idade. Pessoas cada vez mais jovens são afligidas por doenças gravíssimas, sem perspectiva de êxito no tratamento. Pessoas molestadas por todo tipo de enfermidades estão presas aos leitos de hospitais, de clínicas especializadas ou estão acamadas em casa. Ela não poupa agnósticos nem religiosos ou místicos, como se diz popularmente. Conformar-se com ela seria doentio - uma agravante da própria doença. No entanto, muitos têm de conformar-se a ela. Em tese: doença gera aflições ou angústias e reclama “soluções”.

A partir da temática desta abordagem surge a pergunta: como

49 Cf. comentários a respeito deste assunto em W. BITTNER-SCHWOB. Art. *Krankenheimlung*, op. cit., p. 829.

lidar ou como se lida hoje com essa questão a partir da fé em Jesus Cristo no interior da comunidade cristã? Aqui, de fato, nós nos deparamos com posturas e atitudes muito diferentes, por exemplo: - **uma delas** é a *busca, às vezes até frenética, por cura religiosa sensacionalista*; - **outra** é a *separação categórica entre fé e razão: doença não tem nada a ver com a fé cristã e, portanto, cura é competência exclusiva do profissional da saúde*. Essas são posturas extremas que geram suas respectivas atitudes. Uma **terceira postura** surge a partir do *ouvir e tomar a sério o testemunho bíblico de doença e cura inserido num novo contexto - nosso contexto hoje*.

## 2. Doença e cura no contexto religioso sensacionalista

Se por um lado, doença gera aflições ou angústias e reclama “soluções” - e isso é verdade, de outra parte, *promessas prodigiosas de curas despertam curiosidade e atraem a muitos*. Isso também é verdade. Nesses termos, hoje existe um verdadeiro *marketing de curas* - portem elas uma bandeira cristã ou de outra religião ou não.

*Curas* fazem parte da ordem do dia em inúmeras programações religiosas, literalmente exibidas diante dos nossos olhos pela mídia, seja ela televisiva, escrita ou de outra natureza. Não queremos ser céticos por princípio a ponto de duvidarmos de tudo e de todos, menos de nós mesmos, mas é difícil livrar-se da impressão de uma *vulgarização do sagrado*<sup>50</sup> por causa do *marketing de curas religiosas*. À vista dessa impressão também é difícil livrar-se da sensação de que “muitas doenças e curas” não forjadas e de que, em vários momentos, o “charlatanismo religioso” celebra triunfos. Isso de fato não ajuda a ninguém, nem aos “ditos curados pelo milagre da fé” e nem a tantos outros que, de fato, estão doentes e que continuam com a enfermidade depois dos *shows da fé*, porém são obrigados a crerem que foram curados.

Conforme o testemunho bíblico, *curas* realizadas por Jesus puderam ser vistas, sim, até por aqueles que não criam em Jesus. Mas *curas verdadeiras* jamais eram objeto de propaganda sensacionalista de quem as realizou. E de acordo com o testemunho bíblico, também não há sessões programadas de curas.

## 3. O ceticismo em relação a curas sem procedência ou explicação medicinal

Esse é o outro extremo. É o ceticismo *a priori* em relação à

---

<sup>50</sup> Entende-se *sagrado* como o *mistério* que envolve a vida humana. Isso inclui também as *dimensões misteriosas* de saúde e de muitas doenças e várias curas, o que jamais pode ser *patenteado* pela arbitrariedade e voluntariedade humanas.

intervenção de Deus na história, no caso específico, em relação a quaisquer curas não mediadas pelo ser humano. Sem dúvida, em muitas coisas, o mundo de hoje é muito diferente do mundo de então. Por exemplo: - as *reviravoltas na cosmovisão*<sup>51</sup>; - os *avanços da ciência* principalmente no que diz respeito a *diagnósticos de enfermidades e possibilidades de tratamento*; - a *medicina primária e preventiva*; etc. A partir desses fatos, as “necessidades” e também as atitudes da maioria das pessoas em relação à doença e seu tratamento mudou significativamente. Isso não só é compreensível, mas inclusive legítimo e necessário. Recorrer à medicina para tratar a enfermidade nada diferente é do que dever de cada um para com a vida como dádiva de Deus. Recusá-la por princípio seria uma irresponsabilidade.

Agora, daqui até o ceticismo ou mesmo à negação da possibilidade de uma intervenção de Deus no curso da história, também da história do *prontuário das patologias individuais*, é um salto muito grande não de bravura humana, mas para dentro de um dualismo doentio: tratamento de doença é competência exclusiva do profissional da saúde e nada tem a ver com Deus. E a fé cristã nada tem a ver com doença e saúde.

Em muitos “meios cristãos” nem se conta mais com a possibilidade de uma intervenção concreta de Deus em situações limítrofes da vida humana. O embaraço com narrativas bíblicas de intervenções extraordinárias de Deus no curso das coisas é visível.<sup>52</sup> É uma dimensão longinquamente expurgada da “teologia acadêmica”, seja ela de matiz ortodoxa, liberal, histórico crítica, ou ainda outra.

As tendências básicas apontadas nos *itens 2 e 3* são extremos opostos excludentes, naturalmente, mas que se realimentam mutuamente. A problemática no interior das *curas religiosas no atacado sensacionalista* confirma a suspeita dos céticos em relação a essas curas, ao passo que o *racionalismo calcificado fechado* que entrega os enfermos (e seus sentimentos) exclusivamente à frieza científica mecânica, produz a demanda para o mercado religioso sensacionalista.

---

51 Basta lembrar da expressão *visão geocêntrica* e *visão heliocêntrica de mundo*.

52 Esse embaraço não se restringe a relatos de curas, mas abrange todo o leque do extraordinário que foge do controle humano racional, incluindo toda a dimensão da realidade transcendente. Fatos que inconcebíveis que fogem do *controle racional convencional* normalmente são reduzidos à esfera do psíquico como uma grandeza própria que nada tem a ver com Deus e/ou o antideus.

#### 4. Considerações bíblico-teológicas finais sobre doença e cura do ser humano

Os extremos à parte, surgem algumas perguntas: como lidar com o testemunho bíblico acerca de doença e cura à vista de tantos enfermos no seio da comunidade cristã hoje? Curas em termos bíblicos seria um ministério concedido somente a determinadas pessoas e denominações cristãs, de modo que para outras o tempo das curas cessou definitivamente? Ou seria necessário falar mais de curas extraordinárias hoje? Trata-se de questões complexas como é complexa a questão da doença e cura na Bíblia. Contudo, Bittner<sup>53</sup>, mencionado ao longo deste trabalho, fez excelente abordagem do assunto, também no que diz respeito à sua relevância hoje. Mas isso não pode ser explorado aqui. Segue apenas uma abordagem tópica.

##### 4.1 A proclamação da Palavra de Deus e cura hoje

Como foi visto no decorrer desta explanação, proclamação da Palavra de Deus e cura do ser humano constituíam o ministério de Jesus e eram um legado que Jesus deixou para os discípulos. E na Bíblia não existem indícios claros de que esse legado se restringisse aos tempos apostólicos ou até o momento em que as comunidades cristãs tivessem a Bíblia nas mãos. Portanto, esse duplo legado não foi revogado.<sup>54</sup> Não foi revogado por um motivo muito simples, mas significativo: a essência e a necessidade de cura do ser humano e a realidade do senhorio de Deus não mudaram. Conseqüentemente, a comunidade cristã não pode eximir-se dessa tarefa.

##### 4.2 As curas de Jesus e “nossas curas de fé”

Tão certo como o *duplo legado* da pregação da Palavra e da cura do ser humano não foi revogado, tão certo é que existe uma diferença fundamental entre as curas<sup>55</sup> que Jesus realizou e todas as outras curas, pois ele era o revestido de autoridade (ἐξουσία) por excelência. Bastava que ele dissesse uma palavra e/ou tocasse a pessoa afligida por males, e mortos ressuscitavam, cegos voltavam a enxergar, mudos e surdos a ouvir e falar,

53 W. J. BITTNER. *Heilung - Zeichen der Herrschaft Gottes*. Cf. também as observações já feitas sobre esta obra no item 1. *Considerações gerais do tópico II. Aspectos de doença e cura na Bíblia*.

54 Abusos à parte, curas autênticas perpassam toda história da igreja cristã, dos primórdios até a atualidade.

55 Entenda-se *curas* em sentido bem amplo (físicas, psíquicas, libertação de possessão demoníaca, etc.).

peças gravemente enfermas eram restabelecidas, a maioria absoluta instantaneamente. Não havia necessidade de longos períodos de oração, espera e gesticulações, etc., ao passo que “nossas curas” (salvo raríssimas exceções) têm outro prontuário.<sup>56</sup>

**Além disso**, muitas curas e libertações que Jesus realizava tinham a finalidade de confirmar que ELE era o “Cristo, o Filho de Deus” (Jo 20.30-31; cf. também 11.42). Nesses termos, sim, os *sinais* (curas e outros milagres) não têm finalidade imitativa hoje e não se necessita mais deles, pois isso está registrado nas Sagradas Escrituras como testemunho irrevogável que dispensa quaisquer “reforços humanos adicionais de autenticação”.

#### 4.3 A relação entre fé no Deus vivo e a medicina (moderna)

A essência e a necessidade básica de cura do ser humano de ontem e de hoje continuam sendo as mesmas. O mesmo vale da realidade do senhorio de Deus. Entretanto, as condições em que a essência humana se manifesta e a cura pode ocorrer e ocorre são muito distintas. Basta que se lembre dos avanços da medicina e dos recursos que ela disponibiliza atualmente. A grande maioria das pessoas que foi curada e reabilitada por Jesus não tinha muita “outra opção” de cura.<sup>57</sup> Aliás, em “casos isolados” parece que Jesus adotou “procedimentos médicos” para curar (cf. Mc 7.33; 8.22-26; Jo 9.6).<sup>58</sup>

Por essa razão, é necessário enfatizar que a fé cristã não dispensa a medicina, mas a inclui e vice-versa. O problema não é a “junção” de fé e ciência, mas sua separação categórica em compartimentos isolados da vida: o *compartimento chamado saúde*, que é tratado exclusivamente pela medicina e o *compartimento da eternidade* que, então, deve ser tratado

---

56 Embora os apóstolos também realizassem curas instantâneas, também existe uma diferença entre essas curas e os sinais que estes realizavam e os que Jesus realizou. Enquanto Jesus curava e libertava de *forma não mediada*, os discípulos dependiam de “uma palavra de ordem em nome de Jesus”; isso vale extensivamente e de maneira especial para a libertação de poderes ocultos. Note-se bem que “em nome de Jesus” não é “uma fórmula mágica eficaz” que funciona por si mesma (cf. At 16.116-18; 19.13ss.). Cf. Helge STEDELMANN. *Das Okulte*. Giessen/Basel: Brunnen Verlag, 1981, p. 29.

57 Além de não haver médicos em todos os lugares, não se deve ignorar que em várias regiões e circunstâncias *medicina/médico não gozava de boa reputação* por uma série de razões, por exemplo: - *origem duvidosa* ou *suspeita da idoneidade do médico* (“*curandei-ro*”, “*charlatão*”[?]); - *profissão artesã que lida com sangue*, etc. Cf. Joachim JER-EMIAS. *Jerusalém no tempo de Jesus*. Pesquisas de história econômico-social do período neotestamentário. São Paulo: Paulinas, 1983, p. 29s., 403ss.

58 Udo SCHNELLE. *Das Evangelium nach Johannes*. Leipzig: Evangelische Verlagsanstalt, 2003 (3ª Ed.), p. 186-187.

com Deus.

Não há dúvida de que a fé em Deus em termos bíblicos não só não desprezará os recursos da medicina como também conta com Deus na preservação da vida antes de qualquer enfermidade se manifestar<sup>59</sup>, e conta com Deus para além dos recursos da medicina, quaisquer que estes sejam. A medicina, como qualquer outra área do saber humano ou da ciência, não abrange a realidade como um todo, pois a realidade é muito mais ampla e complexa que pudesse ser detectada e abrangida pela tecnologia, por mais avançada que esta seja.

#### 4.4 Doença, intercessão e cura a partir de Tg 5.13-16 - Breves considerações

Nesses versículos, emprega-se nada menos que 6 (seis) imperativos; todos eles vinculados ao “estado de saúde” das pessoas.<sup>60</sup> Portanto, a importância desses versículos para nossa temática é indiscutível. Em muitas ocasiões, eles têm sido norteadores para agir à vista de enfermidades. Serviriam eles como “receituário eficaz”? Muitos diriam que sim. Outros diriam que não. Ainda outros que procederam conforme Tg 5.13-16 e cujas expectativas não foram atendidas, tiveram suas provações aumentadas. Destaquemos em tópicos:

a) *Dificuldades com Tg 5.13-16.* Existem experiências múltiplas com o texto bíblico: enquanto uns de fato são curados, outros não o são. Nesse último caso, facilmente surge a pergunta inquiridora pela razão da não-cura. Falta de fé? Não era da vontade de Deus curar-me ou curar a outra pessoa? A doença tem uma finalidade específica? Em virtude disso, muitos se sentem inibidos e não ousam nem orar confiantemente por cura. Outros, tendem a espiritualizar precipitadamente o sentido do texto, ou seja: a *unção do doente e a oração* confortam o doente e o fortalecem para carregar a enfermidade e, em casos extremos, preparam-no para morrer amparado por Deus.<sup>61</sup> Sem dúvida, isso também pode ser e é verdade, mas

59 Na visão bíblica, a vida humana e, conseqüentemente, a saúde não é um “estado óbvio”, mas “dom e ação” de Deus (Deus concede e preserva a vida) pelas quais se é profundamente grato a Deus. Um dos sinais do pecado dos gentios é a inexistência da gratidão e atribuir a existência, preservação e o sentido da vida humana a outras grandezas (cf. Rm 1.19ss).

60 Chama a atenção que ao estado de *bem-estar* (εὐθυμεί) também está vinculado um imperativo - o de *cantar louvores* - expressão de agradecimento consciente. O imperativo da *confissão dos pecados* também está ligado ao estado de saúde, ou seja: é dito com vista à restauração da saúde.

61 Possivelmente a *prática da extrema unção dos doentes*, uma certa *negligência ou subestima da carta de Tiago na história da teologia*, principalmente da teologia protestante de matiz reformatória (séc. XVI), a *desvalorização do corpo humano em segmentos da igreja*

o sentido primário de Tg 5.13-16 não é este.

b) *Outros riscos com a interpretação de Tg 5.13-16.* Se por um lado existe um certo embaraço em relação ao texto bíblico, por outro lado existe o perigo da *apropriação indevida, mecanização e dominação humana* desse texto e de pessoas: forja-se e força-se curas: Deus torna-se servo nas mãos de pessoas e violam-se sentimentos humanos. E quando a cura comprovadamente não ocorre, acusa-se o enfermo de falta de fé e outros motivos mais. Exemplos escabrosos nessa direção também não faltam em nossos dias.

c) *Contudo, Tg 5.13-16 estimula a agir e interceder em fé pela cura de doentes.* O texto em destaque de fato fornece elementos norteadores nesta direção. É oportuno remeter mais uma vez ao artigo de Haacker já destacado várias vezes acima.<sup>62</sup>

Não só a partir de Tg 5.13-16, mas das perspectivas bíblicas de doença e cura em sentido lato da palavra, há dimensões a serem recuperadas: o contar concretamente com Deus e sua intervenção na nossa história, também a história pessoal. Ao dizer isso, está claro que ninguém de nós pode prescrever o que Deus deve fazer, mas contar concretamente com seu agir e intervir, *contar de Deus*, este é um testemunho que coloca em evidência a relevância ou irrelevância da fé em Jesus Cristo. Em questão está o que a teologia e fé cristã têm a dizer à vista do sofrimento humano e do sentido da existência humana também nessas circunstâncias. Não nos referimos apenas à cura no aqui, mas também à dimensão da esperança maior que sustenta em meio à dor e a expectativas não correspondidas por Deus, em casos de ausência de cura. É verdade, a fé cristã não pode antecipar o *ἔσχατον definitivo de Deus*, mas transferir a intervenção de Deus demasiadamente para a *παρουσία de Cristo*, também não faz jus ao testemunho bíblico acerca do fato de Deus ser Deus, concretamente.

---

*cristã* (segmentos do pietismo, puritanismo, etc), o *engessamento cronológico da dimensão bíblica de curas* e outros prodígios à era apostólica, e ainda outros fatores históricos, favoreceram a espiritualização unilateral de Tg 5.13-16. Cf. W. J. BITTNER. *Heilung - Zeichen der Herrschaft Gottes*, p. 56ss.

62 Klaus HAACKER. *Enfermidade, oração e cura*, in: VOX SCRIPTURAE. Revista Teológica Brasileira. Vol. XIV/1, junho de 2006, p. 18ss, principalmente as p. 37-40.